

A INVISIBILIDADE DOS GESTOS NAS AÇÕES COTIDIANAS DE IMPRIMIR E GRAVAR

Giordano Alves Costa

Angela Raffin Pohlmann

giad. art@hotmail.com; Universidade Federal de Pelotas

angelapohlmann@gmail.com; Universidade Federal de Pelotas (orientadora)

Resumo: Esta pesquisa está sendo desenvolvida no Mestrado em Artes Visuais da UFPel desde o início de 2015 e procura retomar os conceitos de "gravura" e "impressão", tendo o "contato" como agente balizador. Os trabalhos apresentam impregnações feitas com materiais orgânicos deixados à ação da intempérie, e buscam trazer questões e desdobramentos ao olhar das linguagens artísticas contemporâneas. Invisibilidades imperceptíveis presentes nos gestos de imprimir e de gravar, nesta pesquisa, têm como referência artística trabalhos Brígida Baltar, e questões teóricas apontadas por Carolina Rochefort. Como resultados deste trabalho, serão analisados os aspectos visuais como texturas, manchas e impregnações ocasionadas pelas ações das intempéries nos materiais utilizados.

Palavras-chave: Imprimir. Gravar. Contato. Invisibilidades. Intempérie.

INTRODUÇÃO

Diante das inúmeras tentativas de alcançar o inusitado, a arte contemporânea no decorrer das décadas traz consigo uma gama de produções enriquecedoras e abrangentes. Porém, no que concerne à área da gravura e da impressão, não se tem a mesma ênfase, pelo número reduzido de publicações bibliográficas disponíveis. Assim, temos como objetivo expandir conhecimentos sobre os conceitos de gravura e impressão e no que diz respeito e seus desdobramentos, pois se trata de um campo com inúmeras possibilidades a serem exploradas em meio aos processos gráficos.

Pretendemos realizar uma reflexão sobre os processos convencionais de imprimir e gravar com ênfase nos gestos e nas invisibilidades obtidas durante estes processos. Acreditamos na importância da ampliação destas percepções, para renovar o olhar ao inusitado e ao incomum, de modo a incrementar o potencial criativo.

Estas experimentações instigam novas reflexões e questionamentos a partir do que percebemos nos pequenos gestos cotidianos de contato, e das possibilidades de realização de impressões através deles. Nesta investigação, procuramos obter marcas, índices e vestígios

que remetam a novas aberturas em relação aos processos gráficos pertinentes à arte contemporânea.

As observações nos levam a reflexões com olhares atentos às metamorfoses ocorridas durante os processos criativos na pesquisa. O contato dos materiais com a ação das intempéries transforma o modo como normalmente realizamos gravuras e impressões, abrindo novas perspectivas dentro destas ações cotidianas e dentro dos procedimentos tradicionais utilizados normalmente. Assim, aproximamos tais procedimentos com os conceitos que possam contribuir na abertura para as atividades e os processos de gravura e impressão.

A ação da intempérie sobre os materiais utilizados proporcionam visualidades táteis através de suas impregnações ao suporte. Entretanto, mesmo que em sua invisibilidade aconteça um encontro entre os corpos e conseqüentemente uma transferência de vestígios e índices, estes rastros que dialogam com os objetivos acima abordados, proporcionam a ampliação de nosso imaginário e conceitos de gravura e impressão.

A efemeridade dos materiais e dos trabalhos é analisada levando em consideração que os mesmos são realizados com materiais de origem orgânica. Isto, por si só faz com que sejam perecíveis. Além disso, as ações da chuva, do orvalho e do vento produzem variações de formas e texturas mesmo que sejam usados os mesmos procedimentos. A cada trabalho, novos aspectos peculiares surgem, com texturas, rugas e manchas que potencializam uma visualidade tátil e instigam um olhar perspicaz e inquieto. Estas impressões enfatizam os gestos banais do cotidiano e tornam evidentes as vivências submersas no universo do ainda desconhecido mundo que na maior parte do tempo permanece invisível.

MARCAS E IMPRESSÕES NO COTIDIANO HUMANO

O gesto de gravar e imprimir sempre estiveram presentes na humanidade, pois o homem sempre teve a necessidade de comunicação, e com ela os processos gráficos aderem-se em seu cotidiano, mesmo que de forma imperceptível. Ações comuns como o caminhar e conseqüentemente as marcas geradas pelas pegadas deixadas no solo ou pelos deslocamentos inelutáveis acompanham a vida desde seus primórdios. Quem nunca gerou uma marca? Ou por ações involuntárias, não transferiu vestígios ou fragmentos de um corpo para outro por intermédio de um contato, como por exemplo, em um aperto de mãos?

As marcas podem ser as mais simples e aquelas praticadas em nosso meio cotidianamente, mesmo quando não se pode percebê-las. Diante de situações inusitadas não é muito difícil de encontrá-las, por exemplo, em um rastro obtido por um animal, uma roda de um carro ou até mesmo por ações naturais como a corrosão do solo. Assim, para gravar, obter uma marca, encontrar vestígios, basta estar atento ao mundo que nos cerca e deixar-nos absorver por suas sugestões e possibilidades de processos e visualidades. Marcar também pode ter sido sinônimo de posse, de troca, enfim de uma comunicação de infinitas formas. Mãos, pés, rastros, carimbos ou imagens que podemos encontrar em pinturas rupestres foram, por muito tempo, uma fonte de comunicação entre os homens e entre os povos. “O ato de gravar e imprimir constitui uma atitude do homem frente à vida” (NUNES, 2010).



Figura 1. *Sítio Rupestre*, Nova Palmeira Brasil.
Fonte: <http://sitorupestre-novapalmeira.blogspot.com>

Os rastros e as marcas se propagam por além dos tempos, possibilitando assim que o homem usufrua de suas ações, enriquecendo seus conhecimentos sobre a gravura e sobre a

impressão e talvez inclusive contribuindo para a evolução da história humana (Fig. 1). Com estes signos, desenhos e vestígios transladam nossas reflexões sobre a arte contemporânea e repensamos sobre os processos a serem realizados. Alguns destes processos permanecem imperceptíveis, e a obra visualizada permite um olhar criativo infinito. Concordamos com Bourriaud, quanto às possibilidades de extravasamento que a obra permite:

Assim, a obra de arte contemporânea não se coloca como término do processo criativo (“um produto acabado” pronto para ser contemplado), mas como um local de manobra, um portal, um gerador de atividades. Bricolam-se produtos, navegam em redes de signos, inserem suas formas em linhas existentes. (BOURRIAUD, 2009, p.16)

Fazem parte do cotidiano as ações que registram, gravam, memorizam, geram impressões como nos simples processos de tocar algo, deslocar, contatar, mesmo que a natureza coopere para tais processos. Uivos do vento em suas variações anunciam que algo se desloca pelo universo, abrangente e invisível, mas potente e real, indomável, simplesmente existente.

INTEMPÉRIES

As impressões que se desdobram com as ações do tempo, tanto por intermédio das ações humanas ou por reações climáticas são fonte de recursos para o processo de criação. Pode-se pensar na impressão de forma ampliada, onde o inusitado tem sua potência. A gravura já não se apegava à matriz com o único intuito de gerar múltiplos, mas pode então, a partir de processos incomuns, apresentar-se como obra. Mesmo que se repita o processo, cada trabalho é peculiar; atinge um momento único, absorvendo o mundo que nos cerca, e, através do contato, adquirindo suas invisibilidades. Assim sendo, o imprimir se dá por intermédio do contato. Carolina Rochefort nos fala sobre este encontro entre o "corpo-matriz" e a impressão:

Imprimir é encontrar, é o que dá margem a uma marca, ao vestígio do corpo matriz. Imprimir é contatar, é tatear, é trocar. Imprimir uma imagem é tocar outro corpo, imprimindo nele uma marca, uma imagem, vestígio do corpo matriz. Essa imagem é transferida, e transmite a semelhança, a presença física do outro corpo semelhante. (ROCHEFORT, 2010, p.94).

Os trabalhos a seguir, mostram os materiais específicos de um lugar, e o modo como a cada etapa desta poética surgem novos conceitos, articulados por elementos inéditos. As formas sugerem nuances que possibilitam a realização de trabalhos únicos. São obras que dialogam com o tempo, no sentido da passagem do tempo, tanto quanto com as ações climáticas. As marcas da passagem do tempo e das ações das intempéries ficam registradas na superfície do suporte.

O trabalho abaixo (Fig. 2) apresenta o resultado de experimentos obtidos com a preparação do suporte e a ação do tempo e das intempéries. O papel vegetal foi entintado com pigmentação natural, anexada a têmpera-ovo e esteve exposto à chuva, pendurado em um varal, por um período aproximado de 12 horas. Durante este período, o papel recebeu um impacto causado pelo forte vento que varria as ruas da pequena cidade de Arroio Grande. Acreditamos que este fator também tenha sido protagonista nas manchas e nas impregnações obtidas na obra.

Esta obra faz parte dos experimentos realizados no decorrer deste ano. A chuva, ao entrar em contato com o suporte, molha a sua superfície e nos possibilita a visualização de índices, deste encontro de corpos. Também analisamos o deslocamento ou o trânsito de um corpo sobre outro, que instigaram nossa curiosidade, pois se tratam de matérias efêmeras que se transformam com o passar do tempo, sem sabermos ao certo o que irá acontecer com cada uma após um determinado período de tempo. Tal como as incertezas que temos diante do que surge nos papéis suspensos, como por exemplo, ao nos depararmos com o trabalho sem saber qual a coloração exata que irá se formar após a secagem.

A partir dos materiais obtidos nesta pesquisa, procuraremos observar as provocações e questionamentos originados pelos próprios processos de impressão que surgem por obra do acaso, do risco, dos fragmentos que se depositam nos papéis preparados e deixados nas noites de sereno. Estes materiais nos proporcionam inúmeras reflexões que por sua vez geram novas articulações de sentido. Estes trabalhos sugerem um novo olhar sobre as absorções do mundo que nos cerca, no qual as ações cotidianas são ressignificadas quando usamos determinados materiais nestes ambientes peculiares. Estas ações podem provocar resultados inesperados que nos fazem ampliar também a percepção que temos sobre a arte e a gravura.



Figura 2. Giordano Alves. *Imprégné*. Impregnação de chuva em papel entintado, 21,5 x 29,7 cm, 2015.

Uma imagem da obra *A coleta de neblina* de Brígida Baltar (Fig. 3) foi utilizada como referência para esta investigação, pois em alguns trabalhos desta artista percebemos o uso de seu corpo para coletar o orvalho, a neblina, a maresia e demais umidades que compõem o ar. Com este gesto, Brígida nos instiga a olhar para as invisibilidades dos processos. O que realmente está sendo coletado? Será que com esta coleta ela pode obter algo palpável?

Brígida Baltar despreocupa-se com a forma, ou com o que há de palpável. Ao contrário, ela parece estar mais interessada justamente nas variações que podem ocorrer nos materiais coletados durante sua ação (captada pelo vídeo ou pelas fotos). No projeto *Umidades*, o gesto, o toque, o corpo são protagonistas para as reflexões que a obra sugere. Água, vapor, umidade, corpo, leveza, são elementos que nos interessam particularmente e que vemos que também inquietam esta artista. Coletar elementos naturais faz parte do projeto *Umidades* desenvolvido pela artista entre 1994 e 2001. Brígida Baltar explorou a afetividade gerada no momento, destacando-se como parte do processo observando o ambiente e se envolvendo a ele.



Figura 3. Brígida Baltar, *A Coleta da Neblina* – 2001. Fonte: www.nararoesler.com.br

MARCAS DO TEMPO

Não somente as intempéries, mas também o decorrer do tempo, o passar dos anos, as décadas, os séculos podem atuar como agentes gravadores-impressores, muitas vezes até mesmo imperceptíveis. Entretanto, inúmeras ações deixam rastros e registram sua passagem no cotidiano humano. Por exemplo, as corrosões que acontecem no solo, o desgaste provocado pela a chuva nas calçadas, o peso dos corpos que deixam marcas de sua passagem em seu deslocamento: presença-ausência, marcas que nos remetem a devaneios sobre os corpos impressores, e aos questionamentos que nos fazemos sobre "onde estaria a matriz?" Ou: "o que é a matriz?" Segundo Carolina Rochefort,

A matriz que é superfície é pensada como corpo, espessura, um corpo em construção; a gravação, que é a ação de marcar, o gesto, é pensada como inscrição, marca presente na superfície corporal; e o imprimir é pensado como encontro, a transferência, a troca e um de seus “resultados”, ou melhor, uma das possibilidades do imprimir, a impressão, o que resta do

encontro, da troca, uma ausência que se faz presente pela trama marcada da superfície. (ROCHEFORT, 2010, p.22).



Figura 4. Giordano Alves. *Marcas do Tempo* Fotografia digital, 2015

Estas marcas estão sempre tão presentes, constantes e inseparáveis da vida do homem. Como não perceber este mundo de rastros e marcas, que se originam mesmo que involuntariamente? Um simples passo transfere sua marca na pegada. As ações naturais podem deixar marcas de contato, pois o ser humano se encontra envolto em um ambiente possibilitador de inúmeros processos gráficos.

CONCLUSÃO

A subjetividade permeia o ato de gravar e de imprimir. Percebe-se que não somente as ações climáticas, mas demais fatores das intempéries cooperam para compor as marcas de gravuras e de impressões em nosso cotidiano. Mesmo que estas ações possam passar muitas vezes despercebidas, vemos o quanto estes contatos sutis intrigam o pensar, o agir e o perceber. O vento pode nos tocar, mesmo que não possamos vê-lo, e somente sentir sua ação sobre a nossa pele, ou nos cabelos, ou nas roupas que se agitam.

Assim, chegamos até aqui com o intuito de ampliar a pesquisa, sabendo que ainda há muito a ser explorado. Buscamos acrescentar novos conhecimentos e novos procedimentos em relação aos modos de realizar e apreciar as gravuras e as impressões.

Atividades simples podem ser exploradas como uma mola propulsora nas reflexões sobre os conceitos de gravura e da impressão. Imprimir é entrar em contato, é perceber o mundo, é absorver o que nos cerca. Imprimir é se permitir viver, percebendo o vivido.

Neste trabalho, buscamos algumas possibilidades de marcar e imprimir geradas pelo contato das matérias e intempéries. No decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, pretendemos ampliar as discussões em relação ao nosso próprio processo criativo, para analisá-lo almejando aprofundar o conceito de impressão na gravura contemporânea.

REFERÊNCIAS

BALTAR, Brígida. **Catálogo da exposição** realizada na Galeria Nara Roesler. São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://www.nararoesler.com.br/artists/34-brgida-baltar>>. Acesso em 25 nov. 2015.

BORRIAUD, Nicolas. **Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

NUNES, Edna Mara de Moura. **Desdobramento da Impressão na Arte Contemporânea**. 2010. 138 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – PPGAV- Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ROCHEFORT, Carolina Corrêa. **A marca corporal como registro de existência e a pele como superfície de experiência: o contato como paradigma para as imagens impressas do corpo**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) –PPGAV- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SOS SÍTIO RUPESTRE NOVA PALMEIRA. Disponível em <<http://sitorupestre-novapalmeira.blogspot.com>> Acesso em 25 nov. 2015.